

FOLHA DE S. PAULO

MARÇO 2015

ESQUIVA
FALCÃO

COMO SE FAZ
UM CAMPEÃO
CHICO FELITTI

ESPECIAL
BUENOS
AIRES

Serafina

DANI CALABRESA OZZY OSBOURNE COLIN FURTH PAULA GARCIA HENRIQUE GOLDMAN



Paula Garcia em ferro-velho, em Taboão da Serra,
onde coleta metais para suas performances

PAULA GARCIA

POR SILVIA TAGLIARI E RITA MARIANA IMETONI



DISCÍPULA DE MARINA ABRAMOVIC, A PERFORMER PAULISTA PAULA GARCIA PREPARA UMA TEMPESTADE METÁLICA PARA ACOMPANHAR A RETROSPECTIVA DA ARTE SÉRVIA EM SÃO PAULO

Minutos antes de uma tempestade de verão, Paula Garcia tenta calcular com os olhos o peso de uma montanha de entulho. "Olha esse lugar. Está vendo? Eu comprei todo esse lote", diz a artista, apontando para uma pilha imensa de mesas e armários metálicos enfileirados num ferro-velho em Taboão da Serra, nos arredores de São Paulo. "Preciso de umas quatro toneladas disso."

Ela fala de quantidades industriais de metal como outro artista falaria de tintas ou pincéis. Isso porque Paula, 39, está acostumada a juntar e arremessar volumes de ferro contra superfícies magnetizadas nas performances que faz.

Nessa pegada heavy metal, a paulistana prepara uma ruidosa tempestade metálica, contida numa sala cheia de ímãs, para acompanhar a retrospectiva da artista sérvia Marina Abramovic, que abre no dia 11 de março, no Sesc Pompeia.

Nos próximos dois meses, Paula vai passar oito horas por dia, sem descanso, revolvendo e atirando pedaços de ferro

contra paredes imantadas, numa espécie de fúria ritualizada.

"Trabalhar com o magnetismo é uma forma de lidar com forças visíveis e invisíveis, sempre com o peso e com a leveza", diz a artista. "Mas não tenho ideia do que vai acontecer. Nunca fiz um trabalho com o desafio físico que vou enfrentar agora. Talvez eu quebre um dedo, machuque feio a perna, mas isso não importa. O que importa é estar lá de verdade."

Essa obsessão com o simples ato de estar presente faz todo o sentido na obra de Paula desde que se tornou uma discípula de Marina Abramovic. Considerada a maior – e mais famosa – performer do mundo, a artista de 68 anos, radicada em Nova York, vem chocando plateias desde os anos 1970, com ações viscerais, que beiram a autoflagelação em alguns casos e, em outros, desconcertam pelas emoções que despertam.

Ela já fez cortes na própria barriga, devorou uma cebola crua sem pestanejar e entregou tesouras, facas e revólveres ao público para que fizesse com ela o que quisesse durante uma de suas ações.

Mas chegou ao auge da fama há cinco anos, com uma ação no MoMA, em Nova York, onde fazia nada mais do que olhar fundo nos olhos de cada visitante.

Marina chamou sua ação, que não raro fazia os participantes desabarem em lágrimas, de "A Artista Está Presente".

NO MATO SEM CACHORRO

Paula sentiu a presença da artista pela primeira vez quando ajudou a montar uma exposição da sérvia na galeria Luciana Brito, em São Paulo, há cinco anos. Durante a montagem, Marina soube que Paula também fazia performances e quis conhecer seu trabalho. "Sentei com a Marina, suando frio, e abri o computador", diz. "Mostrei essa pesquisa com os ímãs. Ela adorou."

Logo, Paula estava em Nova York,

pronta para ser treinada no famoso "método Abramovic", rito de iniciação para todos que querem fazer parte da entourage da artista, um programa que ela vai repetir no Brasil com performers que participam de sua mostra no Sesc.

"É muito simples", explica Paula, braço direito da sérvia em seus projetos no país. "A gente vai para um lugar que tenha natureza e onde todos possam dormir juntos no chão. Nesses dias, a gente não fala nem come. O máximo de comida é chá e, às vezes, a Marina dá umas colheres de mel. A gente acorda com o sol raiaando, vai para o rio, tira a roupa, entra na água gelada e depois faz uns exercícios. Em um deles, a gente vai para o meio do mato com uma cadeira e uma venda nos olhos e fica lá sentado, por horas, perdendo a noção do tempo."

Em sua performance mais recente, realizada em 2014 num centro cultural suíço, Paula explorou essa questão temporal. Passava horas diante de uma pilha de entulho metálico, testando a paciência do público, até que vestia uma armadura magnetizada e virava o alvo de assistentes que arremessavam pregos e outras ferragens contra seu corpo.

"Era ferro, ferro, ferro", lembra. "Os caras acabaram com meia tonelada de pregos. Cheguei a segurar cem quilos de peso com o corpo. Quando a ação começa, eu sinto que vem uma força enorme."

Essa força talvez tenha um pé no teatro. Antes de estudar artes plásticas em São Paulo, Paula fez artes cênicas e ficou dois anos no elenco do Teatro Oficina, de

"NUNCA FIZ UM TRABALHO COM ESSE DESAFIO FÍSICO. TALVEZ EU QUEBRE UM DEDO, MACHUQUE FEIO A PERNA"

José Celso Martinez Corrêa, onde começou como camareira. "Lá é tudo muito visceral. A fronteira entre a performance e a atuação é muito tênue. A vivência é uma entrega plena."

Quase duas décadas depois da passagem de Paula pelo Oficina, Zé Celso ainda se lembra de sua presença cênica marcante. "Ela era clubber, toda tatuada, linda", diz o diretor. "Ela levava o teatro no corpo, vivia a performance pelas roupas que vestia, pelo corte de cabelo, pela voz muito bonita."

Juntando a visceralidade do Oficina com a disciplina quase militar de Marina Abramovic, Paula agora quer chegar ao ápice da própria presença – e quanto mais magnética melhor.

"A maior dificuldade que a gente tem hoje em dia é a de se sentir presente", diz a artista. "Não é nada esotérico, é só viver as coisas de verdade. Minha maior preocupação é saber se estou com o espírito pronto para isso." ■

"A MAIOR DIFICULDADE HOJE É SE SENTIR PRESENTE. NÃO É NADA ESOTÉRICO, É SÓ VIVER DE VERDADE"